



O COSMOPOLITA

Orgão dos Empregados em Hotéis, Restaurantes, Cafés, Bars e classes Conjeneres

ANO II - N. 30

Rio de Janeiro, 23 de Abril de 1918

REDAÇÃO
RUA DO SENADO, 215 - 217
Telefone - Central 1499

A policia e os patrões

A policia no desempenho especifico de suas funcões, andou a semana passada cometendo uma serie consideravel de violencias e abusos inominaveis, e esboçou todo um plano infernal do que seria capaz de fazer, se os trabalhadores, assim tão vilmente provocados e enxovalhados, acudissem aos seus desejos, lançando-se num movimento grevista precipitado e mal organizado.

O Centro Cosmopolita foi o alvo particularmente objetivado pelos incansaveis mantenedores da ordem, os zelozos centuriões dos privilegios capitalistas. O seu secretario, o companheiro Raymundo Rodriguez Martinez, foi violenta e cobardemente arrastado do estabelecimento em que trabalha e privado de sua liberdade. Outros muitos companheiros foram igualmente presos e intimados a abandonarem as suas occupaões para, devidamente lambuzados os respectivos dedos, deixarem as suas impressões no cadastro policial, e assim, sob as vistas argutas dos seus cerebros, podesse a sociedade repouzar tranquila, certa de que, a primeira investida, os perigosos anarquistas do Centro sentiriam sobre si o pezo de um inezoravel braço de ferro. Os intuitos da policia são evidentissimos.

Desde logo transparece o seu proposito deliberado de crear uma situacão que justifique e autorize um golpe de força que esmagasse o magnifico renascimento das energias combativas do proletariado desta capital, cuja melhor significacão é o robustecimento admiravel, que dia a dia se vai realizando, das suas respectivas associaões, tendendo todas a um conagraçamento num pujante organismo federativo, qual será dentro em pouco a Uniao Jeral dos Trabalhadores.

Entretanto, no tocante ao Centro Cosmopolita é verdadeiramente paradoxal a pozião em que se encontra, em face dos acontecimentos atuais. Apontado como um terrivel ajuntamento anarquista, um foco de agitacões, um fermentador de tentativas de subversão da ordem burgueza, simplesmente porque defendendo os direitos dos seus componentes, se tem batido com energia e tenacidade pelo exato cumprimento de uma lei!

De que estranhas contradicões se entretete o rejimen social vijente!

O Centro Cosmopolita bate-se pela execucao integral de uma lei que confere aos seus associados umas tantas melhorias de vida arrancada ou outorgada pela providencia do instinto de conservacão, o certo é que o Estado por, um dos seus organs, confiecionou-a, e ela si está a ezijir o respeito de todos, consoante os conselhos que, com relacão a outras irmãs suas, todos os dias se nos dão em todos os tons...

É o que o Centro quer e ezije, e por isto vê dezencalear sobre a cabeça dos seus membros os mais

terriveis anatemas, chovem sobre ele as ameaças de vario calibre.

Por outro lado os patrões, acostumados a tratar-nos como a um vil rebanho de carneiros, arrancando-nos couro e cabelo, mercê de um rejimen de escravocatura que vigora nos seus estabelecimentos, vêm repentinamente transformada tão comoda quanto rendozsa situacão. A chamada lei do descanso semanal, tão ruidosamente combatida por eles, vem alterar profundamente os seus planos de exploracão, e a classe despertada para as lutas em prol das suas aspiraões de liberdade, já se não sujeita, como outrora, às suas aviltantes e odiosas impozições.

Individuos saturados de um egoismo sórdido e abjeto, os patrões reagem e opoem-se á execucao da lei, sem quererem abrir mão de uma diminuta parte dos seus lucros, surdos aos clamores de uma classe que se levanta para reivindicar os seus direitos tão acintozamente espezinhadados. E, para alcançarem o triunfo do seus caprichos, — desmedidos caprichos! — reúnem-se a sêde da sua associaão, concertam planos de reacão, fecham os seus estabelecimentos em reprezalia á lei, combinam perseguiões.

Pois bem, é em tal conjuntura que o sr. chefe de policia intervem na questão para propor ao Centro Cosmopolita, um acordo que evidentemente assentaria sobre a base do desrespeito á lei. O Centro, porém, suficientemente instruido acerca da validade e consistencia de tais acordos (e tendo bem viva na memoria o caso de S. Paulo...) rejeitou o acordo e insiste na ezijencia do cumprimento da lei.

Uma comissão, convidada a comparecer ao gabinete do sr. chefe de policia, ali tem o desprazer de ouvir dezagradaveis inectivas por ter ousado traduzir o sentimento unanime da classe.

Resumindo: ameaças, prizões, toda uma serie de violencias dezencaeadas sobre a cabeça de trabalhadores, cujo unico crime em consistido em reclamar a efetivação de regalias conferidas em lei.

E ai têm os trabalhadores um sustetivo flagrante da dezigualdade em que se encontram, em relacão aos que, a custa de seu trabalho, destrutam nesta sociedade todas as vantajens. O contraste é frizante e de molde a forçar os trabalhadores a meditarem um momento nas cauzas de todos os males que os aflijem.

Não nos surpreendem os atos de compressão com os quais a policia, a serviço dos interesses do capitalismo, tenta reprimir os anseios de reivindicacão das classes proletarias. É esta a sua funcão e, manda a verdade dizelo, ela a tem sabido ezerce-la. Enquanto a sociedade estiver dividida em explorados e exploradores, ladrões e roubados, parasitas e produtores, os dominadores não de manter esse abominavel aparelho, de com-

SURTO PROLETARIANO

O proletariado carioca desvenilha-se da apatia aviltante e dos moldes aburguezados. Sacode-o proprio sopro de energia rebelde. Aclara-se-lhe a consciencia de classe e enrijam-se-lhe os musculos produtores. Ha uma incoercivel vibracão vital, prenunciadora de soberbas jornadas emancipadoras...

A verdadeira organizacão proletariana, norteadora por um programa nido e seguro de açã, é hoje uma formozsa promessa e será amanhã uma realidade empolgante.

Com efeito, todos os ramos de trabalho se ajitam e se agremiam, se reforçam e se ezercitam, trocando entendimentos mutuos e pactos de solidariedade, estendendo a rede de organizacão até às federaões de officio ou unioes jerais.

É um belo surto, penhe de alentadoras esperanças, calorozamente impulsionado por um amplo ideal de generozidade.

O instinto popular não erra jamais. Por sobre as elites pretenciozas, o bom senso da massa avizinha a tribla convenientemente a palmilhar, indo direito aos fins de zejedados. É o que acontece neste momento, entre nós. Nunca atravessou o operariado carioca situacão igual á de agora. Uma carestia sem exemplo, mercê da ganancia incontrôlada dos açambarcadores do commercio e da industria, nivela todas as condiões, reduzindo-as a um minimo de capacidade consumidora, carestia que produz miseria e com a miseria a revolta.

E diante da crise angustioza um governo aparvalhado e acaciano, estatelando a sua incompetencia a cada ato e a cada palavra... Resultante jeral: as classes trabalhadoras compreendendo afinal que a sua emancipaão e o seu bem estar só podem ser fruto do proprio esforço continuado e tenaz.

Avante, pois, companheiros! Todas as energias, todas as atividades, todas as boas vontades ao serviço dum só escopo: a uniao!

01 de Maio e o nosso Teatro

Com um programa soberbo, e em comemoracão da grande data proletaria, realiza o G. T. Cultura Social, a 30 do audante, no palco-salão do Centro Gallego, rua Visé, do Rio Branco, 531 às 20 h. 151. um sustivo festival para o qual chamamos a atencão dos nossos leitores.

Esse programa:

- I - A GRANDE DATA, elucidativa palestra pelo companheiro Carlos Dias.
- II - O GRITO DE PROMETEU, empolgante invocacão escrita especialmente, pelo camarada Astrojildo Pereira.
- III - REBELDIAS - A poesia, a lenda, o monologo, a fabula, a cançã.
- IV - AFESTA DO TRABALHO, esuziante charge em um ato.
- V - PONTOS NOS II, estilete em um ato, á guiza de revista, com varios numeros de muzica, 20 personagens e comparsaria.
- VI - Baile familiar e leilão de prendas.
- X. B. - Recebem-se prendas por intermedio desta redacão, onde tambem se encontram a venda ao preço de 1\$, os respectivos ingressos.

GRUPO JERMINAL

Esta agrupacão recentemente fundada, projeta organizar para breve, um espetáculo de propaganda que será ezecutado pelo G. T. C. S., o qual, segundo consta, montará as seguintes peças:
Por ser feliz... em 2 atos, e Ferro em Brazo, estilete em um ato.

pressão que lhe assegura a perenidade dos seus privilegios.

E assim será até á hora, que antevemos proxima, em que nos dispozermos a desmontar com um impulso vigorozo esta maquina de opressão, que o dessangra e o alvita.

A questão operaria

Carta aberta de José Oiticica ao sr. dr. Aurelino Leal

Em sr. - Um topico do meu artigo O que não se fez irritou V. Ex., e cõto-lhe as primas da alma e fez V. Ex. enviar ao F. Delegado aquele officio precativo de cabist'cafes iminentes. Mandou-lhe V. Ex. o Correo da Manhã com o meu artigo luteado de vermelho para assinado, ao deslezozo secentavario, o fato grace do restabelecimento, melhor, do renascimento da Federaçao Operaria, estrepada, ha um ano por V. Ex.

Fiquei atônito, Em. Sr. Bem se diz que a Republica Brasileira anda de pernas para o ar. Em vez de ser o delegado, o subalterno, quem informa a V. Ex. da organizacão de uma sociedade perigosa é V. Ex. que vai informar ao seu superior, pedindo-lhe depois que abra inquerito sobre isto e sobre aquilo. Ora essa! Se o policia de V. Ex. estivesse nas sens vias o F. delegado já deceria ter cochichado aos ouvidos sensibilissimos de V. Ex. tudo quanto V. Ex. agora quer saber. Nesse caminho V. Ex. acaba secreta de policia e o Bando de Melo, verdadeiro chefe, para moralidade da servico.

Passado meu espanto, ramos ao que importa. Diz V. Ex. que a Federaçao Operaria Brasileira, violentamente estada por V. Ex. o ano passado, era "um centro de anarquistas e calchacão ostensivo e audacioso da raza internacional atraido ás nossas praças, aqui vivendo em peccato abuzo da nossa indole hospitaleira e da liberdade dos nossos leis".

Quem lhe isso pôs os mãos a orar, agradeceudo ao ser supremo a dudicozo prenda feita á patria dos Tupiniquins. V. Ex. e o salvador desta grande Patria, mas atrevo-me a lembrar-lhe que V. Ex. nunca se abateu a vizitar a Federaçao invulterada, V. Ex. falo de officio, pelo que lhe foi contar o sórdido patrilho de secretos, calchacissimos dos operarios e por eles repellidos com a mais soberbo dos desden.

Se o meu testamento vale alguma coisa, posso atestar a V. Ex. que o convicio de cinco anos com a tal vaza internacional me aproximou daqueles mesmos anarquistas perigozos que V. Ex. lembra prender o ano passado. Esses homens, Mossinno de Macedo, por exemplo, Pedro Mateus, Jacz Casaz, Primitivo Soares, Magais e varios outros, são homens de uma energia moral a toda prova, de uma honestidade modelar, cuja amizade e dedicacão proclamo altamente como titulo de honra. Para eles abrem-se as portas de minha casa em fecho terminantemente aos subordinados de V. Ex., á caza nacional que V. Ex. cria e paga nesse centro de potifes, assassinos, bebados e ladrões, nesse calchacão oficial da compangijem cil, que é a policia secreta de V. Ex.

V. Ex. quer moralizar a patria. Faz muito bem. Para moralizar a patria V. Ex. denuncia e ataca os anarquistas. Guzo discordar desse processo. Dezafo a que me aponte V. Ex. ao quem quer que seja, um assassino, um se, entre os anarquistas do Brazil, em laçã, um estelionato, um "soften", um rãgãbudo, um mendigo, um dezordeiro, um adulador, um cabo de eleiões, um falsario, um delator, um cigacista...

Dezafo! E dezafo porque tenho certeza, e os fatos o tem provado, de que, si algum trabalhador, tido por anarquista, cair na malandragem ou se apagar a haluçacão eleitoral, seá lãteralmente orredado dos meios libertarios.

Para moralizar este Brazil, querido e maltratado, V. Ex. decia fazer o que não tem feito. Para me servir da expressão de V. Ex. lembrei-me que, se ha uma caza internacional de proletarios, ha outra caza internacional burgueza. Se é justo perseguir os mãos elementos do andar terreo, a justiça impoi creolina policial no sexto andar onde proliferam, ao sul rico, canthas de primeira. Ora, que tem V. Ex. feito neste ruão? Nada. Que autoridade moral tem o governo de V. Ex. para prender os pobres diabos sem crime algum, se o atual Presidente da Republica e o Presidente da Republica futuro, com V. Ex. ao lado, mandam pezozes a um incendiario estrangeiro, pelo incendio atado por ele mesmo? Que autoridade moral tem o governo de V. Ex. para apontar como assassinos, homens innocentes de qualquer morte, quando esse governo e creação do anterior governo celebrado pelos horriceis sassinos da Ilha das Cobras e do "Satelite", pelo bombardeamento de cidades brasileiras e morticínios consequentes, tudo isso com apoio tacito, sem um protesto minimo do atual Presidente da Republica, do Presidente da Republica futuro e de V. Ex.? Que autoridade moral tem o governo de V. Ex. para castigar possiveis e supostos crimes, quando esse deixa impuatos ou premia negociantes torpes como a da prata, exploracões infantis como as desta guerra, carnificinas e rapinajens como as do Contestado, espostas e documentadas em plena Camara?

Se V. Ex. quer sanear o Brazil, comece pela caza nacional e se não tem avimo nem força para começar de cima, inicie o seu trabalho pela estrebria da Chefatura de Policia.

É realmente indecorozo, nauseante, repulso esse corpo de agentes que V. Ex. sustenta e aux. Ha nele desde o delator falso até o assassino criminosamente indultado. São espóis a quem faltam as estrordinarias qualidades de um espio de guerra. São covardes, mesocrieviros, gatunos. Serrem pelo di-

heiro que lhes dão, sem nenhuma nobreza de alma, sem nenhum sentimento de dignidade humana. Humilham-se a todos os concessões, agacham-se a todos os farças, dobram-se ás más tristes ordens. É a casa mais mianente. Faz pemi cel-os arredios, envergoados de si mesmos ou incãciables do seu papel indigno, a curveta, sem reziir, os palcos de reputação dos trabalhadores espiados.

Por essa escoria humana e V. Ex. instruido do que se passa entre os trabalhadores, do que se passava na Federaçao Operaria.

Nessa Federaçao fiz eu numerosas conferencias, um curso inteiro de sociologia, dei aulas de ciencias naturais e muitos preleões sobre higiene.

Diz V. Ex. que essa Federaçao se pregou a dissolucao da familia. Posso asserver a V. Ex. que isso é absolutamente falso, pois o anarquismo não prega semelhante coisa. Os anarquistas são tambem pais, tem muitos de-las numerosas prole.

Não podem pregar a dissolucao da familia. O que eles acham e eu tambem acho, é que para amar a compãcheira e os filhos, não ha mister a beuzadura do batismo ou aquela comedia que o Caligo Civil, meio anarquista neste ponto, acabou serencamente.

Pregou-se a negacão da Patria afirma V. Ex. Se V. Ex. houvesse um dia decido da alta posicão que ocupa a curir os anarquistas da Federaçao, acabaria concordando com eles no refrate a negacão da Patria. Vossa Ex. e patriota e eu tambem sou; mas eu sou "diferentemente" de V. Ex., eis tudo. Amo extremamente este Brazil, terra admiravel, pessoalmente apreocido; amo a sua natureza estupefada e precuro, em prosa e verso, exaltado, cantado, glorificado; siãto-me grande em ser brasileiro, porém maior em ser homem; amo o povo desta terra, a infeliz raza desprezada, amargurada na escravidão, despedaçada nas bandeiras e entradas, escorocada por quando explorador nacional ou estrangeiro a oculta, depime e colubina, eitiua da politicagem miseravel que a destroua nas revolucões, a escorcha com os tributos, a esfacaça com espelhejos militares mais custozos que as escolas que lhes regem; não sou todavia jacobino. Não sou activista, não sou xenofobo; reji, em qualquer trabalhador, em qualquer homem digno, um compãcheira; entre um brasileiro ruim e um estrangeiro bom dou preferencia ao ultimo; penso que a minha terra pode ser amada e servida por muitos estrangeiros melhor e mais intencamente que por muitos brasileiros negociistas, paspalhoes e derrosos.

O que nego é a Patria pretexto de estorsões, ladroeiros, marcosas internacionais, guerras interessadas, conquistas, opressões; e a Patria separacão entre homens, motivo de desigualdades comerciais, agrupamento de banqueiros e capitalistas gananciosos que duidem a massa estulla para se enriquecerem á sombra das bandeiras.

Eis a Patria que negam os anarquistas e com eles todos os homens de enteadimento e coraçã.

Assereca V. Ex. que se pregou, na Federaçao Operaria, a "subversão da ordem juridica e legal". Esse é realmente o fulcro da revolucão social moderna. Mas, note V. Ex. não foi a Federaçao que o pregou. V. Ex. ignora que a Federaçao não era uma "sociedade", era a "agremiacão de varias sociedades operarias", nenhuma delas veja bem V. Ex., nenhuma delas "anarquista". V. Ex. teria o direito de fechar a Federaçao se a Federaçao incluísse nos seus estatutos e pregasse sistematicamente a subversão social. Ora isso nunca se deu. V. Ex. teria o direito, se a Constituçao o permitisse, de enclausurar apenas os pregadores dos tais doutrinas.

Por isso o ato de V. Ex. estinguindo uma associaão a que se achavam filiados sociedades legalmente constituídas, como os marmozistas, foi uma arbitrariedade, aliás muito comum entre os homens do poder.

Garante V. Ex. que na Federaçao se pregou o "assassinato" (sic) da "autoridade". V. Ex. ha de permitir-me a afididade de registrar aqui tres injenuidades de V. Ex.

A primeira é supor que a personalidade de V. Ex. tem algum valor na questão social. Que adiantaria ao mundo, ao progresso de organizacão humana, ao futuro rejimen economico, a supressão de V. Ex.? Entao V. Ex. figura efemero de um governo efemero, se acredita barreira tal á espouada dos ideais novos, que a sua renucão ou demolição se imponha aos apostolos desses credas?

A segunda injenuidade é crer V. Ex. tão ineptos e imbecis os anarquistas estrangeiros ou nacionais que, incluindo em seu programa a eliminacão de V. Ex. ou de qualquer outro figura da casa ("tenemus rivum"), fossem declarados em publico, annucia-lo de entendo a esbirras e beleguans.

Ora essa! A terceira injenuidade está no proprio açã de V. Ex.

(Continua na 2ª pagina)



OS VOOS DO SR. ALVEAR

Pelos dominios da exploração

Um certo sr. Alvear, moço aventureiro, que já aqui no Rio de Janeiro, quando, com um invento seu, comprado em Paris — um formidável aeroplano — fez morrer no Derby-Club, um jovem aviador uruguayo, volte agora com inovações, desta feita, porém, sem perigos para os que cruzam os espaços em arrojados volteios de condor.

Esse tal «enjenheiro», emuldo do santíssimo S. José, em varias couzas, em seguida ao deazeste do aparelho, aterrou na Avenida com uma sorveteria que cedo tornou-se «o ponto preferido da élite» de varias ruas e travessas desta encantadora e admiravel cidade. No seu belo estabelecimento, onde o que ha de mais «chic» se refresca, foi introduzida uma nova forma de exploração, não para os freguezes, que estes já os são por uma multiplicidade fantástica, mas para os «garçons» — os modestos auxiliares do arreliado sorveteiro.

Assim, o sr. Alvear ou Alvear ou couza que com tal se pareça, pensa suprimir de vez os ordenados em seu estabelecimento. E não fica só assim; os «garçons», d'ora avante, para terem a elevadissima honra de servir as mezinhas onde beberiam as beldades que lá fazem ponto, terão que se submeter a um regime, que a cair em moda, lhes levariam aos maiores desesperos de vida, em regalo completo dos patrões...

O tal mocinho dos sorvetes fez redijir um contrato — que é um gosto de destempero.

Segundo tal contrato, que abaixo vai, os que em sua caza trabalharem serão forçados, a par com muitas outras misérias, a viver das gorjetas que a liberalidade dos freguezes proporcionar, o que em boas palavras equivale a dizer: das esmolas que os apatacados burguezes, num requinte de estúpida vaidade, lhes atirarem ás vetas!

Sabida quão afrontante e vexatoria é essa couza de propina, imagina-se facilmente como deceria na vida, em escola de moralidade, os que trabalham em hotéis, bars, etc., se os seus serviços passassem a ser pagos de forma tão miseravel.

Seria o completo desbaratamento do pudor, se homens concientes de seus direitos e deveres, dignos em suas profissões, aceitassem, em paga de seus serviços, a esmola que um bolso farto, lança a quem sofre as aperturas da miséria.

Seria indigno, e muito nos arreacia-mos que tal indignidade não seja veementemente repelida...

Passar a viver só da propina, é assim como quem diz: esmolar... E esmolar tendo prestado serviços, esmolar tendo

feito com que o patrão mais patacas, empilhe em sua burra!... Esmolar tendo forças, e tendo trabalhado...

«Contrato de locação de serviço na forma abaixo:

A firma Alvear & C., estabelecida a Avenida Rio Branco n. 118, nesta Capital, e J. E. de nacionalidade *** estado civil *** e morador a rua tal n. tantos, tem justo e contratado o que reduzem ás seguintes clausulas:

1 - J. E. se obriga a cumprir respeitosamente todas as ordens da jerencia ou seus prepostos, servindo o mesmo J. E. na qualidade de garçon.

2 - J. E. não receberá salario algum, nem ordenado de qualquer especie da firma Alvear & C., tendo J. E. apenas direito a guardar para si, e como unica remuneração de seu trabalho, as gorjetas que os frequentadores de seu estabelecimento (Sorveteria Alvear) espontaneamente lhe queiriam dar.

3 - Se J. E. não receber gorjetas alguma, mesmo assim, em qualquer dessas hipoteses, não terá direito algum contra Alvear & C., ficando-lhe salvo apenas o direito de deixar a caza.

4 - J. E. será despedido do serviço: — A. se pretender cobrar do freguez mais do que os preços marcados na tabela.

B. se usar de artificios dezonestos, ou por outra forma prejudicial moral ou materialmente a caza, a juizo da jerencia.

C. Se faltar com o respeito devido á disciplina e á autoridade da jerencia, ou aos deveres de educação para com a freguezia.

D. Nos demais casos previstos no Art. 1229 do Cod. Civil á juizo de Alvear & C.

5 - J. E. se obriga a concorrer á coleta que é de uso fazer-se no fim de cada mez, entre os garçons para pagamento de louças e material de christofle, quebrada ou danificada pelos mesmos, assim como para a compra diaria de flores, á noite, para entear as mezas.

6 - Alvear & C. não serão obrigados em cazo algum a qualquer quantia a J. E. seja qual for o titulo invocado, ficando aos mesmos Alvear & C. o direito quando lhes convier e sem precisar apresentação de motivos, despedir J. E. do serviço da caza.

7 - E declara finalmente J. E. que sempre trabalhou no estabelecimento de Alvear & C. nas condições acima estipuladas, nada tendo a reclamar dos mesmos.

E por se acharem assim justos e contratados, assinam este na presença das testemunhas, depois de lido.

Rio de Janeiro, tantos de 19**

J. E. - etc. *

Agora só, nos falta que o joven Alvear, ezija tambem que os seus empregados cotizem-se para já aquisição de seus fraques, cosmeticos e aromas, e, quando madame andar, lá por caza, arrelhada, seja tambem por eles pago o fornecimento de Saúde da Mulher...

Enão é muito, vá lá, que ele podia ezijir muito mais, considerada bem a mansidão de certa jente, que ha muito cortou as relações d'amizade com a vergonha...

A QUESTÃO OPERARIA

Carta aberta de José Otiteica ao sr. dr. Aurelino Leal

Continuação da 1ª página.

V. Ex. decreta «obscureza» as ideias anarquistas e resolve opor-se a elas, inutilizando-as no Brazil, impedindo neste recanto indene a continuação da epidemia aparente.

E' como se V. Ex. quizesse, com um copo d'agua, apagar o Chimborazo. Quando o miradouro inteiro freme de indignação e de odio revolucionario contra o abominavel coligação exploradora que dezoncou, no terra inteiro, a guerra atual, quando a massa trabalhadora internacional obre os olhos e os seus destrucos formulares cauzados pelo regime juridico autocratico e democratico: quando a remodelação das bases mesmas do agreemento humano e a reforma diaria, a aspiração insuperavel, a mais cemente força propulsora do multidão, que sofre, de que caem as perseguições, as medidinhas, as fitozinhas de V. Ex., neste ambientezinho insignificante e ignoto do Rio de Janeiro?

E o mais interessante é que V. Ex. vai obter, como os plutocratas de S. Paulo, exatamente o inverso.

V. Ex. está cooperando, eccelentemente, com os propagandistas, na obra tenbroza e ussuradora. A Federação Operaria era uma agremiação frágil, hezitante, com cinco mil socios mais ou menos entre as sociedades componentes. O ato arbitrario de V. Ex. fechando a foz logo forte para a uniao dos trabalhadores. O inquerito ordenado por V. Ex. e trabalho inutil. Posso informar a V. Ex. que a Uniao Jeral dos Trabalhadores e a mesma Federação Operaria, com os antigos elementos e outros muitos novos. Os cinco mil trabalhadores de hontem, graças a V. Ex., são hoje trinta mil solidamente arrematados.

Não constituem uma sociedade, mas representam a solidariedade de varios grupos de operarios unidos para um mesmo fim de defesa mutua. Nenhuma dessas associações, posso garantir a V. Ex., é anarquista. Os elementos anarquistas que entre eles ha, ou são brasileiros, ou estrangeiros residentes no Brazil, que se fizeram anarquistas no Brazil.

V. Ex. pode dormir tranquillo. Ninguém pensa em assassinar nenhum representante da autoridade publica.

Eu, porém, interessado nos problemas sociais do mundo, dezojo intimamente que possa V. Ex. leve avante uma perseguição tenoz á Uniao Jeral dos Trabalhadores. Poco, impuro, rogo a V. Ex. este serviço extraordinario, que pagarei com a ideia de erger a estatua de V. Ex. ao lado da de Floriano, com as primozes de arte que a superannam. Foi V. Ex. que elevou de cinco mil a trinta mil os operarios federados. Com mais um toquezinho Vossa Ex. elevará o numero a cem mil. Com mil aqui, outros cem mil em S. Paulo! Que belezas!

Sou de V. Ex. servidor sem prestimo.

José Otiteica.

(Transcrito d'«A Rua», numero de 19 do corrente).

Correspondencia

SANTOS CRUZ — Teu artigo sairá no numero de 1º de maio. Terá mais oportunidade.

ALBINO DIAS — Depois de submettermos o teu trabalho a uma apreciação mais detida, verificamos não merecer publicidade. Trata d'outros temas mais accessiveis...

CERDEIRA — Recebemos o vale postal. Saúde!

VERISSIMO SOLHA — Suspeitamos muito da originalidade do teu trabalho. Parece-nos que, alem de se tratar de um praizo, está mal arranjado.

Das sarjetas...

Saem das sarjetas, os agentes de policia... e mais quem os instrui. Isso é couza que todos sabem.

Sob todos os climas, sob todas as bandeiras, sob todos os regimes, a policia é o refugio do que ha de mais podre e desprezivel na vida. Ladrões faldados ou ponco intelijentes, cafetins em disponibilidade, «donzelos» desfreguezados e «tutti quanti», eis o que forma esse bando de galfarros, de mastigos hediondos e leprozos, a cuja guarda está a «moral» e está a «integridade» da burguezia cabeça e odienta.

E é para ver, que beleza de frescor tem essa jente «honrada», que põe á guarda os seus maiores teozouros, um ajuntamento de safardanas, recolhidos expressamente nos escondos sitios em que o vicio se faz honra e onde jamais vislumbrou tenuissima luz que fosse, de dignidade...

Agora, para não fujir á regra, um canalha, boçal e safardanissimo labróste, que atende pelo nome de Joaquim Campos, acaba de fazer sua entrada solene no coio de matriculados rato-neiros, a que esta piearesca sociedade apelida de «corpo de segurança publica».

Expulso da «A Razão», onde se fizera, a custa de audaciosas investidas, reporter — espulso pelas suas miseraveis patranhas de gatuno rôles e desprezivel, encontrou, logo ao deixar aquele jornal, d'onde saía como cão, corrido, o sr. Bandeira de Melo que de braços abertos recebeu aquela vocação, que se perdia, assim, tão estupidamente, longe de suas vistas e de sua caza. E ali está o Campos feito policia mistér para o qual, sua «rapulice» conjenita, de ha muito destinava-o.

E a sociedade desta vez pôde estar certa que enriqueceu a coleção de manqueiras morais e abjeções, que formam a matula dos devotadissimos auxiliares do chefe de policia.

E dizer, que os trabalhadores honrados, homens limpos de conciencia e de coração, estão a mercê dos impetos fobicos de tal cachorrada!

UNIÃO JERAL TRABALHADORES

CAPITULO IV

DA COMISSÃO FEDERAL

Art. 8º — A Comissão federal será composta de dous delegados de cada sociedade aderente desta Uniao.

Art. 9º — Para fazer parte da comissão federal, o delegado deverá pertencer á sociedade que represente, e estar exercendo a profissão, não podendo ser proprietario, gerente ou chefe de officina.

Art. 10º — Compete á comissão federal: dar cumprimento pelos meios que julgar mais efficazes ou oportunos aos fins desta Uniao, dispostos em synthese nos artigos 1º e 2º.

Art. 11º — Os delegados á comissão federal possuem apenas o mandato imperativo, devendo ás sociedades que representam, dar contas regulares e rigorozas dos acordos tomados pela comissão federal.

Art. 12º — A comissão federal reunir-se-á ordinariamente uma vez por semana, e extraordinariamente sempre que for convocada pela comissão executiva, sendo validas somente as resoluções aprovadas quando se achem representadas a maioria das associações.

Art. 13º — O delegado que faltar a tres reuniões consecutivas será considerado demissionario, sendo convidada a respectiva sociedade, a nomear outro.

Art. 14º — Em janeiro de cada anno a comissão federal escolherá dentre os seus membros uma comissão executiva, composta de um secretario jeral, um secretario de ata e um bibliotecario arquivista. O teozoureiro, porém, será nomeado semestralmente sob a responsabilidade da comissão federal, o qual enviará a todas as sociedades aderentes, um balancete mensal, devendo constar em todas as sociedades federadas, o seu nome, profissão e residencia.

Paragrafo unico — A comissão federal nomeará mensalmente uma comissão de contas, a qual apresentará por escrito o seu parecer á comissão federal.

Art. 15º — A comissão executiva competente o mais rapido e rigorozo andamento aos acordos tomados pela comissão federal; as faltas ou morozidades injustificadas por parte de quaisquer de seus membros constituem motivo bastante para a sua immediata demissão e substituição a juizo da comissão federal.

Art. 16º — O teozoureiro só poderá ter em seu poder, para despesas urgentes, a quantia maxima de 100\$000, devendo depositar o restante em caixa num estabelecimento previamente indicado pela comissão federal.

Art. 17º — Na primeira reunião de janeiro de cada anno a comissão executiva, ou a substituida, apresentará um relatório escrito sobre o movimento anual da Uniao.

CAPITULO V

DISPOSIÇÕES JERAIS

Art. 18º — O organo da Uniao será fiscalizado diretamente, tanto na parte redatorial como na administrativa, por cinco membros da comissão federal, escolhidos dentre eles em janeiro de cada anno, e que publicarão de preferencia:

- a) — Dados e informações sobre o movimento operario, tanto local como jeral;
- b) — Estatísticas e condições de trabalho no Distrito Federal;
- c) — Resumo das resoluções, convocações e avisos das sociedades aderentes;
- d) — Artigos e notas sobre questões sociais, a que a redação considerar contidos nos limites do programa jeral.

Art. 19º — A Uniao, desde que isto se torne possivel, entrará em entendimento com as federações congeneres e demais sociedades d'assistencia do paz, com o fim de reativar a organização da Confederação Operaria Brasileira.

Art. 20º — Sempre que uma sociedade aderente seja levada a declarar uma greve, comunicará com antecedencia a resolução á comissão federal, para que esta possa tomar a tempo todas as providencias tendentes a prestar-lhe o maior apoio. Se porém, em cazo imprevisto, não puder ser feita com antecedencia tal communicação, reunir-se-á immediatamente a comissão afim de prestar o apoio que o cazo require.

Art. 21º — Os fundos da Uniao constituem-se das quotas das sociedades aderentes, dos donativos particulares ou coletivo, havendo de tudo rigorosa escrituração.

Art. 22º — Semestralmente, por ocasião da apresentação do balancete por parte do teozoureiro, será nomeada uma comissão revisora de contas a qual examinará e revisará os livros da teozonaria, apresentará o seu parecer escrito á comissão federal, que lhe dará ampla publicidade.

Art. 23º — Qualquer sociedade aderente, ou cinco delegados, poderão por meio de officio justificativo, dirigido ao secretario jeral, requerer a reunião extraordinaria da comissão federal.

Art. 24º — Em juizo ou perante terceiros, a comissão federal determinará o melhor modo de ser representada a Uniao.

Art. 25º — Os presentes estatutos poderão ser reformados em qualquer tempo, acompanhando, porém, a moderna evolução moral e economica dos trabalhadores.

§ 1º — Para se efetuar qualquer reforma nos estatutos deverá reunir-se uma assembléa jeral de delegados com mandato direto e especial, para tal fim, sendo, porém, a Uniao Jeral dos Trabalhadores indissolvel, enquanto existir um minimo de tres sociedades federadas.

§ 2º — Em cazo de cizão o titulo da Uniao ficará a cargo de uma parte evolutiva.

Art. 27º — Em cazo de dissolução da Uniao os haveres existentes deverão ser destinados a uma obra de propaganda associativa a juizo da comissão federal.

Art. 28º — A secretaria da Uniao Jeral dos Trabalhadores funcionará em logar conveniente, previamente determinado pela comissão federal, sendo, porém, as reuniões da comissão realizadas um mez em cada uma das associações federadas, e em cazo de força maior, poderá a reunião ser transferida a juizo da comissão federal.

Art. 29º — As sociedades aderentes devem praticar entre si a mais estrita solidariedade moral e material, nas suas lutas pela emancipação.

O Estado

... Porque, quem diz Estado diz violencia, opressão, exploração, injustiça, erijidos em sistema e estabelecidos como outras tantas condições fundamentais da existência mesma da sociedade. O Estado, senhores, jamais teve e não poderá jamais ter qualquer moral. A sua moral privativa e a sua unica justiça, e o interesse supremo da sua conservação e da sua omnipotencia, interesse diante do qual tudo o que é humano deve dobrar-se. O Estado é a propria negação da humanidade. E' o duplamente: como o contrario da humana liberdade e da humana justiça (no interior) como interrupção violenta da solidariedade universal da raça humana (no exterior). O Estado universal, varias vezes ensaiado, sempre se mostrou impossivel, de sorte, que enquanto houver Estado, haverá Estados; e como cada estado se apresenta como um fim absoluto, erijindo o culto da sua existencia como a lei suprema, a que todos os outros Estados devem subordinar-se, resulta disso que, enquanto houver Estados, a guerra será perpetua. Todo Estado deve conquistar ou ser conquistado. Todo Estado deve fundar a sua potencia sobre a fraqueza e, se possivel, sem perigo para si proprio, sobre o esmagamento dos outros Estados.

Querer, senhores, o que quer este Congresso, querer o estabelecimento duma justiça internacional, duma liberdade internacional e duma paz eterna, e querer ao mesmo tempo a conservação dos Estados, seria da nossa parte uma contradição e uma injenuidade ridiculas. Fazer que os Estados modifiquem a sua propria natureza é impossivel, porque é precisamente por esta natureza que eles são Estados, e fóra dela eles deixariam imediatamente de existir. Por consequencia, senhores, não ha e não pode haver Estado bom, justo, virtuozo. Todos os Estados são maus, pois que, por sua natureza, por sua base, por todas as condi-

ções e pelo fim supremo da sua existencia, eles são diametralmente o oposto da liberdade, da moral e da justiça humanas. E sob este ponto de vista, diga-se o que disser, não existe grande diferença entre o selvagem Imperio de todas as Russias e o Estado mais civilizado da Europa. Sabeis em que consiste essa diferença? O Imperio dos czares faz ceticamente o que os outros fazem hipocriticamente. O Imperio dos czares, com a sua maneira franca, despótica e desdenhoza da humanidade, constituiu o unico ideal para que tendem todos os homens de Estado da Europa, que o admiram em segredo. Todos os Estados da Europa fazem o que ele faz, tanto quanto a opinião publica e, sobretudo, a solidariedade nova, mas já poderosa, das massas operarias da Europa o permitem. — opinião e solidariedade que contém em si os jermens da destruição dos Estados. Em materia de Estados, senhores, não ha, virtuosos, sino os Estados Francos. E ainda estes são bem criminozos nos seus sonhos.

Em conclusão: Quem, ao nosso lado, quizer o estabelecimento da liberdade, da justiça e da paz; quem quizer o triunfo da humanidade, quem quizer a emancipação radical e completa economica e politica, das massas populares, deve querer, como nós, a dissolução de todos os Estados na federação universal das associações produtivas e livres de todos os paizes.

Dum discurso pronunciado no Congresso da Liga da Paz e da Liberdade, reunido em Berna, em 1869.

Miguel Bakunin.

A grande data que relembra aos trabalhadores a trajetória sangrenta de Chicago, terá este ano uma vibrante comemoração.

Além dos espetáculos que serão realizados nos palcos do Centro Gallego (pelo G. T. Cultural Social) e do Centro dos Operários Marmoreístas, que anunciamos na 1ª página, a U. J. dos Trabalhadores promoverá no Teatro Maison Moderne, um imponente comício.

O O COSMOPOLITA aparecerá nesse dia sensivelmente melhorado.

CAMPANHA MERITORIA

COMO SE FAZ FORTUNA...

Em reunião jeral da classe, o Centro Cosmopolita resolveu iniciar uma campanha que, por seus intuitos generosos e alevantados merece os aplausos de todas as consciências honestas. Trata-se de expor aos olhos do publico todas as mazelas praticadas em grande numero de restaurantes desta capital, revelando minuciosamente dos incautos que neles se servem os crimes abominaveis praticados diariamente contra a saúde publica nesses laboratorios de alquimia.

Levando a efeito tão louvavel quanto generosa campanha o Centro já fez publicar o manifesto que linhas abaixo transcrevemos.

O proprietario do estabelecimento atinjido pelas verdades contidas nesta enérgica publicação, em desespero de cauza, e para atenuar os seus desastrosos efeitos, propoz nos tribunais uma ação de indenização contra o Centro Cosmopolita.

Que não esmoreça o Centro em tão meritoria obra.

O regime social vigente, baseado na desigualdade de classes e na exploração do homem pelo homem, coloca os exploradores da humanidade a sombra de leis que, feitas sem a preocupação de serem cumpridas, servem de joguete aos comerciantes refinadamente egoistas e sem escrúpulos que, sem o menor sentimento de humanidade, tudo sacrificam em proveito dos seus interesses mercantilistas.

A massina de ganhar o mais possível, no mais curto prazo de tempo, é praticada impudicamente por alguns dos srs. proprietários em hotéis, restaurantes, os quais sem o mínimo respeito à vida do proximo, ordenam a manipulação, com engrandecimentos os mais nocivos do organismo humano, de certos pratos a que diariamente conseguem dar-lhes uma saída espantosa, prevalecendo-se da inesperienza do consumidor.

Claro que esses pratos exuberantes e deliciosos não são manipulados pelos proprietários dos referidos estabelecimentos. Sobre os trabalhadores desse ramo de industria peçam graves responsabilidades.

Entretanto, a sua ignorancia faz-os inocentes.

Esse estado de coisas deve-se à obediencia cega com que os empregados recebem as ordens emanadas dos nossos amos, sem medir consequências. Os patrões, atualmente, deendem o prolongamento da nossa ignorancia, para fazer-nos cúmplices dos seus planos diabólicos.

Não querem de maneira nenhuma dar-nos tempo para estudarmos afim de que não desperte em nós o sentimento de humanidade que nos deve dignificar no desempenho da nossa profissão.

Confessamos, que ha um grande numero de trabalhadores em hotéis e restaurantes que julgam cumprir um dever sagrado dependendo assim tão criminiosamente os interesses de um patrio egoista e deumano, entretanto também ha uma boa parte deles que sentem repugnancia em fazer-se responsáveis pelo deaparecimento de tantos seres que vão lentamente esteando-se a força de injerir alimentos em estado completamente deteriorado.

Ora, nós cremos que a organização proletaria não deve lutar no seu seio o fermen do qual que assicia a humanidade: o egoismo. Eis porque o CENTRO COSMOPOLITA, tem atarrazado os srs. patrões, os quais contra eles tem lançado as maiores calunias, os insultos mais soezes.

A questão proletaria é uma questão complexa. Saindo dos estreitos limites da luta economica, a redução de horas de trabalho deve estender a sua ação à apreciação das questões morais, ou seja puramente humanias, sem olhar a quem beneficiamos.

É necessario que a nossa força, o poder da nossa ação conciente, não seja posta somente a serviço do nosso interesse de classe.

A humanidade, acima de tudo!

Só assim, orientados nesse principio massivo de altruismo, cumprirmos com o nosso dever de arautos de uma nova civilização.

Não deve estar longe o dia em que os trabalhadores possamos com o poder da nossa ação conciente dar o golpe mortal no coração do mercantilismo deumano, recusando-nos terminantemente a manipular alimentos em estado de decomposição.

E então, chegado esse dia, teremos iniciado um novo caracter de grève, a grève popular em defesa da humanidade sem distincão de classes.

O Centro Cosmopolita, querendo contribuir na medida das suas forças para despertar a atenção do publico para a sua alimentação diaria, resolveu, em assembléa jeral de classe, iniciar uma campanha contra varios restaurantes, que estão impunemente servindo à sua respectiva clientela iguarias em estado de deterioração.

Para começar essa campanha a referida assembléa resolveu começar pelo *Restaurante Terezopolis*.

Vamos pois oferecer ao publico uma lista dos pratos mais afamados desse restaurante, e o modo como são manipulados.

Menú do RESTAURANTE TEREZOPOLIS

Antes de explicarmos minuciosamente o modo de confeccionar os afamados pratos desse estabelecimento, temos a dizer ao publico que os respectivos proprietários tem um emprego para tomar conta dos restos que entram nos pratos servidos aos freguezes afim de serem novamente servidos com nome diferente.

Roulet de Carneiro: o matambre do boi recheado de restos que os freguezes deixam nos pratos para comer novamente.

Hollinhos de Lagosta: algum dia viesse entrar lagosta no Terezopolis?

Peixe encalhado, habilmente preparado, de mistura com alguns camarões contaminados pela fruição do jelo, e vai para o menu como lagosta.

Lagosta, para cada de 18200, toda graca! **Ostras recheadas:** a mesma droga.

Almondegas de Robalo: que infamia!

Algum dia no Terezopolis entrou tal peixe?

Não, mil vezes não! As almondegas, assim como o pastelão de peixe, são manipuladas com o peixe e o camarão, encalhados na jela-deira, trez ou quatro dias e mais quatro ou cinco cozinhados.

Quando se desfaz igualmente que barro, então aparecem no menu os colorés pastelões, ou as afamadas almondegas de robalo. E ante esse triste e degradante espetáculo, que medidas tomam os encarregados de zelar pela saúde da população entregue sem defesa à sanha gananciosa desses negociantes criminosos.

Caca com arroz: que ignominia, que audacia por no menu semelhante prato! Caca com arroz no Terezopolis, não faltava mais. Restos e mais restos de frangos e frangos, já em estado lastimoso, vão para a panela misturada com outros bichos semelhantes.

Temos agora o altíssimo prato, **Beef-Steack-ple** ao prezunto: a sua manipulação é feita com os restos dos bifes vindos dos freguezes e carnes encalhadas, passadas na respectiva maquina e depois muito bem temperada de acordo com o seu estado de adiantada decomposição.

Esse prato, tem no Terezopolis uma saída espantosa!

Temos depois, o eterno viradinho de leitão e pastelão de cabrito; o leitão nem com um microscopio se encontra; o pastelão é preparado no mesmo sistema do beef ao qual já nos referimos.

Restos, inmundicias preparados com engrandecimentos os mais nocivos ao organismo humano; a manteiga, a banha, são substituídas pelo cebo.

Por hoje basta, para outra vez diremos o resto.

A Directoria.

Saneando o campo

Depois que elementos mais ou menos experientes do movimento operario deixaram as organizações, por motivos que não importam para o caso que nos propomos tratar, um certo numero appareceu que se destinava a substituir os antigos militantes cariocas. Entre os novos elementos revolucionarios alguns houve que, animados das mesmas intenções dos seus antecessores, muito têm feito pela cauza das reivindicações operarias. Ao lado destes, abnegados, sinceros, mas inexperientes, um fato grave, era observado por quem acompanhava os acontecimentos que dia a dia se davam nas assembléas, comícios e conferencias. Individuos suspeitos tomavam parte em tais atos, afirmando sistematicamente ideias que os seus discursos, escritos e conferencias desmentiam cabalmente.

Entre os suspeitos figuravam dois que, dizendo-se defensores e propagadores de ideias revolucionarias, nada mais eram que exploradores dos operarios, e agentes do Corpo de Segurança. Os ultimos já tive o prazer de apresentá-los, tais como são, em publicação feita nos «pedidos» do «Jornal do Brazil» são possuidores de uma biographia; que bem os recomenda, e aqui pomola diante dos olhos dos trabalhadores — ainda que não completa, por falta de tempo e espaço, mas na medida do possível.

Principiaremos pelo Campos, o «anarquista», «dinamiteiro», o «ultra revolucionario» da carestia da vida, aquele que tudo dizia sacrificar por ideias que não conhecia, como por vezes confessava.

Em pouco mais de um ano este gajo conta uma historia que felizmente o coloca em condições de não mais poder continuar a obra infame por ele iniciada. As primeiras traçoas descobertas e conhecidas pelos trabalhadores, datam do movimento de julho, quando pretendeu atraiçoar a classe dos tecelões, chegando mesmo a fazer proposta neste sentido aos companheiros Moraes e Jozé Pereira de Oliveira, respectivamente, secretario e presidente, proposta esta esta dignamente repellido, sendo este caso abafado com a influencia de alguns redatores da «A Razão», ficando por este motivo o patife, proibido de fazer reportagens em tal classe, o que era feito por estranhos.

Ontra chantaje levou a efeito na mesma epoca, e esta com o auxilio do seu colega Machado. A vítima foi o sr. Moreira Mesquita, proprietario de uma fabrica de moveis, contra este senhor os dois rapinantes redijiram uma carta que veio parar ás minhas mãos, na qual o referido senhor, que eu não procuro defender, é atacado violentamente; essa carta era assinada por dois industriais: Leandro Martins e Souza Bastos.

Entretanto os dois industriais nada haviam escrito, sendo apocrifas as assinaturas da carta. Campos fizera a de Leandro e o seu compasso Machado a de Souza Bastos.

1:500\$000 Comedia judiciario-policial

(ATO UNICO)

CENA PRIMEIRA

A cena representa um gabinete de trabalho, via qualquer delegacia de policia. Portas ao lado. Ao suspender o pano o dr. Fiel fuma, recostado a uma poltrona.

DR. ABORTO entrando lépido com jestos frandinos, rebolando as nalgas. O meu amorzinho! Como está isto, hem?

DR. FIEL, correndo ao encontro. O meu anjo! Por aqui?

DR. A. E verdade. Passei à tua porta e não pude deixar de vir trazer o meu abraço.

DR. F. Afagando-lhes as mãos. E não podia ser de outra maneira. Sentam-se.

DR. A. Como vamos de trabalho? Pelo que vejo aqui se pode gozar com calma a frescura do ambiente...

DR. F. Não tanto assim. Ainda hontem passei o dia em constantes diligencias. E, é verdade, tenho aqui um servichio ótimo para ti.

DR. A. Serviço profissional?

DR. F. Sim. Trata-se de um individuo que desde hontem aqui tenho prezo. E, pelo que soube, achase filiado a uma associação que por certo não será indiferente à sua soltura.

DR. A. Compreendo. Provavelmente necessitarão de um advogado, e tu, com certeza, não permitirás que outro colega meta o bedelho.

DR. F. Está visto. Isto aqui não é assim a vontade. Demais, sou amigo dos meus amigos.

DR. A. E o caso é de importancia?

DR. F. Relativa. Porém isto de importancia podemos-la dar ao nosso sabor...

DR. A. E quanto pensaste que renderá a couza?

DR. F. Rendendo pouco: um conto e couzas... um conto e quinhentos.

DR. A. Está bem. São setecentos e cinquenta pra ti. Resta agora saber se eles estarão dispostos a tal valentia...

DR. F. Nós os forcaremos a isso. Não me deagrada ter o homem aqui por mais tempo. Podemos mesmo arranjar um processozinho. E de qualqer forma será renda. Afagando-lhe o fim da costas. Tu sabes bem, eu nessa couza de policia sou feroz, feroz, meu bem...

DR. A. (passando-lhe meigamente o braço em volta do pescoço) Assim, meu nego, é preciso deitar energia. Que essa jente conbeça o teu braço de ferro...

(E lentamente, abraçados, saem pela porta a direita.)

PAÑO

Com este truco os dois «aguia» apresentaram-se a Moreira Mesquita e conseguiram, a troco de algumas tiras de papel escritas à maquina, outras tantas do Tezouro Nacional.

Terminado este trabalho o nosso Campos ideou outras patifarias: publicaria um jornal operario que se intitularia «O Rebate» principiando desde logo a angariar assinaturas, que cobrava a 10\$000.

Entre os lezados acham-se os companheiros, Jozé Gomes de Oliveira e

Alguns brasileiros do Centro Cosmopolita ao publico

No intuito de pulverizar as capciosas afirmativas do chefe de policia que não teve pejo em vir a publico, pelas colunas do «Jornal do Comercio», dizer do CENTRO COSMOPOLITA tudo quanto a sua invencioneice juridica e vesânica houve por bem arquitetar; no intuito de, uma vez por todas, acabar com a balela que os inimigos da nossa cauza fazem por ahi correr, de que todos quantos sentem as agruras da exploração capitalista e, consequentemente, contra ela se revoltam são oriundos de paizes outros e não deste paraizo... de exploradores, cujas nacionalidades nunca são discutidas nem fariseadas, nós, brasileiros, sugados da maneira mais impiedosa e cobarde por patrões estrangeiros, resolvemos lançar ao publico o presente manifesto que vai com o nosso veemente protesto a tais falsidades.

Não nos ajita o mais leve preconceito de nacionalidades.

Somos trabalhadores e, como tais, sobrepassamos as banalidades patrioteiras convencidos como estamos, de que aqui, ou ahiures, sob esta ou aquell'outra bandeira, os trabalhadores são os eternos explorados, os eternos parias, irmãos, portanto, na adversidade, vítimas de um inimigo comum: — o capitalismo.

Só nos moye, repetimos o propozito de pôr fim à exploração mesquinha de que se vêm servindo os nossos inimigos, com a alegação irrizoria de que quantos fazem parte do CENTRO COSMOPOLITA não são de nacionalidade brasileira e portanto, **inmerecedores** de quaesquer melhorias de vida.

Os socios brasileiros do CENTRO COSMOPOLITA:

- João da Costa Pimenta
- Alvaro Pereira Bastos
- A. J. da Cunha
- A. de Souza e Silva
- Benedicto José dos Santos
- Julio Pinheiro
- João Francisco da Silva
- Joaquim Pinto Vasconcellos
- Mario dos Santos
- Selastiao Heuve Sobrinho
- João dos Santos
- Norberto Gomes de Souza
- Justino P. da Silva
- Sylvestre dos Santos
- Theophilus José Ribeiro
- Joaquim Francisco Delgado
- Sotiero Bento Oliveira
- André Avelino Rangel
- Antonio Desolades da Cruz
- João Gonçalves dos Reis
- Afonso Felizardo
- Bazilio Antonio Cardozo
- Theodamiro Ferreira de Assis
- Ernesto José de Carvalho
- João Custodio Oliveira
- Flausino Alves da Silva
- Pinto Bartholomeu Rossy
- Luiz Francisco Pereira
- Manuel Izidoro dos Santos
- Jose Calasans Oliveira
- Ignacio Carlos da Silva
- José Machado Armando
- Januario Faustino Queiroz
- Ricardo Fontainhas
- Carliolano de Almeida
- João Baptista do Nascimento
- Arnaldo Martins Pamplana
- Mario Clementino da Silva
- Martiniano José Magalhães
- Julio Oliveira
- Antonio Feliciano dos Santos

- Antonio Moraes
- Jorge Ferreira
- Julio de Sant'Anna
- Euzébio Martins Paulo
- João Cruz Pereira
- Anatolio Carlos de Oliveira
- Candido Gomes
- Torquato Raposo Lima
- Pedro de Menezes
- Diogenes Lucas
- Angelo Fausto
- Mario Xavier de Gouveia
- João Graça
- Pedro Ribeiro Moreira
- Honorio Leandro Pereira
- Archimedes de Oliveira Cezar
- Luiz P. Martins
- José Alves de Souza
- Bernardo Dias
- Gastão Miranda Calvet

No proximo numero continuaremos a publicar as assinaturas.

Fabrica de Cerveja Oriente

de José Vasquez Ferro
Rua Viscende do Rio Branco 30



CARIBALDI

Pitoresco parc ao ar livre

(Entrada pela rua da Constituição 53)

TELEPHONE C. 1573
Rio de Janeiro

Manoel Carvahais, ambos da Sociedade de Resistencia dos Cocheiros.

Outras notas interessantes e escandalozas sobre outros personajens da mesma marca, deixo para o proximo numero; não o faço hoje porque este ja vai bastante longo, e eu não tenho medo que os meus adversarios se reabilitem: eles são sobejamente conhecidos.

Manoel Campos

Rio, 8 ed Abril de 1918

Companhia Hanseatica

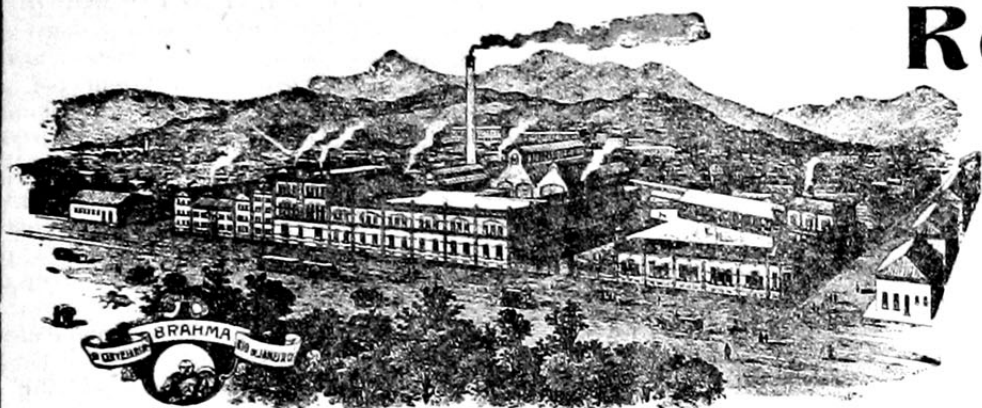
Bebam as cervejas

Polar, Cascatinha, Iracema e Sumaré

Fabricadas com agua da Tijuca, captada na propria nascente

Cervejaria Brahma

Recommenda as suas
afamadas marcas :



Fidalga Malzbier Brahma Porter

que são as preferidas pelas pessoas de bom gosto

BEBAM

CAXAMBÚ

**A soberana das
aguas de meza**

RIO DÃO O vinho de meza
preferido

IMPORTADORES

J. Ferreira & C.

Cerveja Park Bier. Estomacal
e nutritiva

PRAÇA TIRADENTES, 27

CASA TIM-TIM POR TIM-TIM

SEMPRE NA PONTA

ESPECIALIDADE EM PETISQUEIRAS A PORTUGUEZA
E "COM ELLAS E SEM ELLAS" - ABERTO ATE' 1 HORA DA NOITE

Rua do Lavradio n. 41 - Telephone 3229
RIO DE JANEIRO

DURAN & BARBOSA

"Casa Rist"

Deposito excluzivo de productos
nacionaes

VINHOS E CONSERVAS

Rua 7 de Setembro n. 77

Telephone 455 - Central

BEBAM

SALUTARIS

A Rainha das

Aguas de Meza

CENTRO COSMOPOLITA

Séde: RUADO SENADO 215--217
(TELEPHONE 1499 CENTRAL)

Esta sociedade, fundada em 31 de Julho de 1903, incumbe-se de fornecer ás exmas. familias, confeitarias, hotéis, restaurants
clubs, bars e demais casas deste ramo, pessoal competente
para banquetes, casamentos, pic-nics, etc. etc., não só na capital como no interior, responsabilizando-se pelo mesmo

Aluga o seu vasto salão para festivaes, conferencias e outros actos de reconhecida moralidade

Attende a chamados todos os dias uteis das 7 ás 22 horas e aos domingos até ao meio dia

